



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Pesquero Ramón, Saturnino
A Importância da Act-Psychology de Franz Brentano
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 19, núm. 2, 2006, pp. 340-345
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18819221>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Importância da *Act-Psychology* de Franz Brentano

The Importance of Franz Brentano's Act-Psychology

Saturnino Pesquero Ramón*

Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil

Resumo

O presente artigo pretende colaborar para resgatar, a Franz Brentano, a paternidade da doutrina da intencionalidade, que fundamenta um dos princípios básicos de sua *act-psychology*: a indissociabilidade entre idéia e ação para explicar a especificidade da conduta humana. Por esse motivo, é considerado um dos fundadores da psicologia moderna, emancipada da filosofia. Esse pressuposto está subjacente à doutrina da psicanálise, à psicologia da Gestalt e à psicologia cognitiva-fenomenológica.

Palavras-chave: Psicologia descritiva; psicologia genética; representação (*Vorstellung*); objeto e referência intencionais; ato psíquico.

Abstract

This article attempts to redeem Franz Brentano's paternity of his Intentionality Theory, which sustains his *act-psychology*, which postulates, among other thesis, the indissociability between idea and action for explaining the specificity of human behavior. For that, he is considered one of the creators of modern psychology, as emancipated from philosophy. This assumption is subjacent to Psychoanalysis, Gestalt-Psychology and Cognitive-Phenomenological Psychology.

Keywords: Descriptive psychology; genetic psychology; presentation (*Vorstellung*); intentional object and reference; mental act.

"Meu ponto de vista psicológico é empírico. A experiência é a minha única mestra. Mais ainda, eu compartilho com muitos pensadores de que esta convicção é compatível com certo ponto de vista idealista. ... A psicologia, de um lado, desponta como o pináculo do arranha-céu da ciência; de outro, está destinada a tornar-se à base da sociedade e de suas mais nobres conquistas, e, por este fato inquestionável, tornar-se também a base de qualquer empenho científico (F. Brentano).

"De fato, Brentano foi um dos criadores da moderna psicologia, vale dizer, da psicologia como ciência emancipada da filosofia" (B. Müller).

Franz Clemens Brentano (1838-1917), frei dominicano secularizado, iniciou sua docência na Universidade de Würzburg e depois foi, durante vinte anos, catedrático, na Universidade de Viena, na Áustria. Este foi o período áureo de seu prestígio como professor e como conferencista popular.

Trata-se, sem dúvida alguma, da figura mais heteroclita, tanto da filosofia quanto e, sobretudo, da psicologia contemporânea. Seu pensamento, irradiante e inovador durante sua vida, tornou-se quase anônimo após sua morte. No entanto, atualmente, no campo da psicologia, Brentano vem sendo resgatado por professores das universidades de Oxford, de Brown e de Würzburg. Para isso concorreu a reedição de suas obras e, especialmente, a recente edição póstuma da sua *Psicologia descritiva* [ou *psicologia fenomenológica*] composta a partir dos ma-

nuscritos de suas preleções sobre o tema, publicados primeiramente pela editora Felix Meiner, de Hamburgo, na coleção *Philosophische Bibliothek*. Dessa obra constam: as preleções dos anos 1887-1888, sob o título de *Psicologia descritiva*; as preleções dos anos 1888-1889, sob o título de *Psicologia descritiva ou fenomenologia descritiva*; as preleções de 1890-1891, sob o conciso título de *Psicognose*.

B. Müller, professor da Universidade de Oxford, na introdução da referida edição póstuma, assinala que o ano 1874 foi muito significativo como marco do surgimento da psicologia moderna, como ciência emancipada da filosofia. No processo emancipatório, da psicologia, destaca o papel genitor de duas obras emblemáticas, publicadas nesse mesmo ano. Cita, em primeiro lugar, a obra de Brentano, *A psicologia de um ponto de vista empírico*, com sua doutrina da *act-psychology*. Brentano "tornou-se o líder de um grupo que incluía Hering, Mach (que se correspondia com Brentano) e Stumpf, os quais defendiam seu ponto de vista sobre a descrição fenomenológica e o nativismo da percepção". Segue-se a obra de Wundt, *Princípios da psicologia fisiológica*, com sua doutrina da *content-psychology*, que, "em oposição à *act-psychology*, tentou basear a descrição dos fenômenos psíquicos sobre o estático conceito de conteúdo" (Müller, 1995, p. xiv).

Com relação à psicologia wundtiana da percepção, convém assinalar as ponderações críticas que o próprio autor faz sobre os seus aspectos dinâmicos e os limites da sua doutrina. A esse respeito, Schultz e Schultz (1969/2001, p. 81) assinalam:

* Endereço para correspondência: Rua 113, n. 124, Setor Sul, Goiânia, GO, 74085-200. Fone: (62) 241 5386. E-mail: ramonpesquero@uol.com.br

Wundt não concordava com a tese de que os elementos da consciência são entidades estáticas, átomos da mente, passivamente ligados por algum processo de associação. Wundt partilhava a opinião de John Stuart Mill de a consciência ser mais ativa na organização do seu próprio conteúdo.

De outro lado, na *act-psychology* brentaniana, a consciência é sinônimo dos actos psíquicos pelos quais o sujeito dá significado aos objetos do seu mundo relacional. E, a partir dessa representação ideacional interna, chamada de intencional, o sujeito dirige sua conduta adaptativa. Esse mundo constituído pelas representações dos significados da experiência vivida é chamado, na psicologia, de “campo perceptual, campo pessoal, campo comportamental, espaço da vida individual e campo fenomênico” (Combs & Snygg, 1959, p. 20).

Os frutos da contribuição brentaniana sobre o aspecto fenomenológico ou experiencial-existencial da percepção, chamada *inner perception*, com seu papel direcional da conduta humana e, como tal, passível de ser estudada empiricamente, podem ser colhidos e degustados em todas as árvores da psicologia moderna que resgatam de alguma forma a subjetividade e a especificidade cognitiva da conduta humana. Basta, a título de confirmação, conferir sua presença na psicologia psicanalítica, na psicologia da Gestalt e na psicologia cognitiva fenomenológica.

Sobre a influência do pensamento brentaniano na doutrina psicanalítica, algumas observações de autores conhecidos testemunham-na. É o caso de Benedito Müller, que, categórico, afirma: “São sólidos os argumentos para afirmar que não só a caracterização do psíquico brentaniano teve grande influência sobre Freud, mas também que o ponto de vista freudiano sobre as idéias ativas foi de qualquer forma facilitado pelos ensinamentos de Brentano” (Müller, 1995, p. xv).

Não menos convincentes, nesse campo, são as ponderações de Richard Wolheim, quando sugere que a teoria freudiana dos diferentes tipos e dinâmica das psiconeuroses teria por base um pressuposto teórico brentaniano, que o jovem Freud assimilou nas aulas frequentadas dos cinco seminários ministrados pelo seu professor vienense. Acrescenta, todavia que esse mesmo pressuposto “Freud o reteve ao longo de toda sua obra.” Ao perguntar-se em que consiste esse pressuposto, taxativo, responde: “Que todo e qualquer estado ou condição mental pode ser analisado em dois componentes: uma idéia a qual dá ao estado mental o seu objeto ou aquilo para que é dirigido, e a sua carga de afeto (*affect*) ou valência, que lhe dá a sua medida de força ou de eficácia” (Wolheim, 1971/1978, p. 36-37).

No meio acadêmico brasileiro, o professor García-Roza assinala que o conceito nuclear freudiano de *Vorstellung*, cuja tradução seria “representação”, “idéia”, “pensamento” – em Brentano, termo correlato a “fenômeno psíquico” e a “*inner perception*” – procederia de Brentano e não do inglês John Stuart Mill. A esse respeito, propugna: “J. Nassif é de opinião que, a se procurar na filosofia um autor capaz de patrocinar a concepção de representação-objeto tal como

a que é defendida por Freud, melhor seria recorrer a Brentano, ao invés de recorrer a Stuart Mill» (García-Roza, 1991, p. 55).

Os postulados da psicologia brentaniana não estão menos presentes na psicologia da Gestalt, de forma geral, e, de forma muito mais nítida, na chamada Gestalterapia. Essa influência explica-se pelo fato de Stumpf (1884-1936) ter sido aluno e colaborador de Brentano. A partir de 1894, os ensinamentos de Stumpf tiveram muita influência sobre Wertheimer, Kohler e Eherenfels, fundadores da escola gestaltica.

Brentano está presente nos postulados teóricos e metodológicos dessa escola. No campo teórico, cabe destacar a idéia basilar brentaniana da indissociabilidade entre pensamento e ação contra o caráter estático dos conteúdos mentais wundtianos. Essa direcionalidade ou intencionalidade do pensamento na condução do comportamento humano, junto com a natureza cognitiva de todos os fenômenos psíquicos defendidas por Brentano, estão presentes nos conceitos gestalticos de *einstellung* (aspecto seletivo das tarefas ou intencional) e de *insight* (aspecto cognitivo), como se pode verificar em Wertheimer (1970/1978, p. 99-100).

O método de centrar-se na descrição imediata dos fenômenos das experiências vividas, preconizado pela Fenomenologia e que teve muita influência sobre os teóricos da Gestalt, antes de ser sistematizado por Husserl, já havia sido propugnado por Brentano, no capítulo “Método Psicológico com especial referência a sua base experiencial”, da sua obra *A psicologia de um ponto de vista empírico* (Brentano, 1973, p. 29). O próprio Husserl (1991, p. 246) reconhece a paternidade brentaniana do método ao assinalar:

Dessa maneira, para alcançar o puro e autêntico tema da exigida psicologia descritiva [de Brentano] necessita-se de um método exercido com plena consciência ao qual – neste contexto, como método da psicologia – denomino *redução fenomenológico-psicológica*. (Em que relação está com a redução transcendental, isto deixamos, por agora, em aberto).

E, como argumentar sobre a presença da psicologia brentaniana na psicologia cognitiva, em geral, e na psicologia cognitiva fenomenológica, em particular? Antes de tentar dar uma resposta, convém ressaltar a riqueza de conhecimentos interdisciplinares que abrange a chamada “ciência cognitiva”, que se encontra na base da almejada redefinição da psicologia e de todas as ciências humanas. Referente a essa questão, a dupla Schultz e Schultz (1969/2001), na qualidade de historiadores da psicologia, reafirma o caráter multidisciplinar dessa nova ciência: “uma amálgama de psicologia cognitiva, lingüística, antropologia, filosofia, ciências computacionais, inteligência artificial e das neurociências.” A despeito do problema de unificar sob uma única denominação tal pluralidade epistêmica, os citados professores documentam o franco desenvolvimento dessa abordagem em universidades de todo o planeta e auguram: “Tudo isso sugere que, qualquer que seja

o nome que lhe demos, os estudos dos fenômenos e processos mentais pode dominar não apenas a psicologia como outras disciplinas, pela década de 90 e até o século XXI” (Shultz & Shultz, 1969/2001, p. 411).

A resposta à pergunta acima formulada é que a paternidade brentaniana está presente no postulado básico da moderna psicologia cognitiva, sintetizado nesta afirmação de um de seus fundadores, Ulric Neisser: “a cognição está envolvida em tudo aquilo que um ser humano pode fazer” (Neisser citado por Schultz, & Schultz, 1969/2001, p. 408). Ela traduz, lapidarmente, o axioma da *act-psychology*, sobre a já mencionada indissociabilidade entre pensamento e ação. No modo de estudar e entender a cognição residem todas as querelas – que, diga-se, não são poucas. Por exemplo, como registram os autores da obra acima citada, há aqueles que usam o termo cognição apenas por modismo. Sobre esse fato citam, a observação irônica de Skinner (1983) – “Ficou elegante inserir a palavra cognitivo sempre que possível” – assim como esta constatação de Bruner, ratificada pelo próprio Miller, pai do termo cognição: “O que parece ter acontecido é que muitos psicólogos experimentais que estavam estudando a aprendizagem, a percepção ou o pensamento começaram a se denominar psicólogos cognitivos sem alterar de qualquer maneira visível aquilo que sempre estiveram pensando e fazendo” (Shultz & Shultz, 1969/2001, p. 412).

Convém assinalar, no entanto, que o pensamento brentaniano introduziu-se na psicologia cognitiva de forma indireta, ou seja, através da psicologia da Gestalt, como assinala J. Beauvois, ao explicar as duas raízes do paradigma cognitivo: “A psicologia cognitiva tem sido influenciada, grandemente, pela *teoria da forma* e pelas tecnologias de informática, às quais devemos o êxito do conceito ‘processamento de informação’” (Beauvois, 1997, p. 289). Pode-se vislumbrar, pois, a pertinência de propugnar Brentano como autor dos postulados teóricos e metodológicos da moderna psicologia cognitiva-fenomenológica e que foram sistematizados e aplicados por muitos, também seus alunos ou alunos de seus alunos.

O Conceito Brentaniano de Psicologia

A obra fundamental de Brentano, *A psicologia de um ponto de vista empírico*, consta de duas partes: a primeira dedicada ao estudo da psicologia como ciência; a segunda, dedicada ao estudo dos fenômenos psíquicos em geral. Na primeira parte, desenvolvem-se estes dois temas: o primeiro, conceito e propósito da psicologia e o segundo, o método psicológico com especial referência a sua base experiencial.

Segundo o autor, existem duas definições básicas de psicologia: a antiga e a moderna. A antiga tem como expoente-mor Aristóteles (IV a.C.). O estagirita foi o primeiro a classificar as ciências segundo seu objeto de estudo. Nessa divisão, considera a psicologia como ramo da ciência cujo objeto de estudo é a psique. Seu tratado *Da alma (peri psiquê)* é antológico e sua influência transpõe as barreiras do tempo. O conceito aristotélico de psique é polissêmico. Para tentar defini-lo, Aristóteles emprega basicamente estes três termos complementares: (a) a psique como si-

nônimo de Natureza (*physis*); (b) a psique como princípio de ação (*prôte enérgeia*) e (c) a psique como sinônimo de princípio da individuação ou da realização de todas as potencialidades de todo ser vivo (*prôte enteléquia*).

De acordo com o pensamento aristotélico, a psique pertence ao reino da Natureza e, como tal, faz parte das ciências naturais. Ainda mais, seu estudo é fundamental para alcançar a verdade completa de todos os seres animados ou vivos: plantas, animais e humanos. Já bem no início de seu tratado, afirma: “Por estes dois motivos [a beleza e alcançar a verdade] é razoável considerar a investigação ou estudo da psique como de primeira ordem. Além disso, seu estudo de fato aporta uma importante contribuição ao conjunto da verdade e, de forma particular, ao estudo da Natureza” (Aristóteles, 1991, p. 105, 402a).

Na visão aristotélica, a psique define-se como princípio de todas as funções ou ações de todas as modalidades de seres vivos. Eis como ele explica isso: “Nesse momento basta lembrar que a psique é o princípio (*prôte enérgeia*) de todas as funções que acabamos de mencionar e que se define por elas, ou seja, pelas faculdades da nutrição, da sensação, do intelecto e do movimento” (Aristóteles, 1991, p. 144, 413b).

Finalmente, nos termos de Aristóteles, a psique define-se como o princípio de “individuação” ou de realização de todas as possibilidades que cada ser vivo traz no âmago de sua singularidade:

a entelequia [individuação] produz-se naturalmente naquilo que é em possibilidade uma coisa, ou seja, na matéria [condição] que lhe é própria. Ante o exposto, fica evidente que a psique é uma certa *entelequia* e forma de todas as possibilidades que lhe dita a singular natureza de cada ser. (Aristóteles, 1991, p. 146-147, 414a)

Entende-se que, na definição aristotélica, está implícita, ainda que numa perspectiva dinâmica, a substancialidade ou condição ontológica da psique, como princípio originário (substrato substancial) de todas as faculdades ou operações da adaptação dos seres vivos, visando a sua sobrevivência e seu desenvolvimento evolutivo. Com relação a se o princípio ou “substrato substancial” da faculdade intelectual humana é o mesmo da psique que anima todos os seres vivos, ou, pelo contrário, trata-se de uma psique de natureza diferente de caráter metafísico, o estagirita, ainda que defenda a segunda hipótese, dada a complexidade do problema mostra-se cauteloso, ao deixar aberta a resposta definitiva. Explica, indagando: “A questão se coloca nestes termos: cada uma dessas faculdades [nutritiva, sensitiva e intelectual] é uma psique ou apenas uma parte de uma única psique?” E responde, a seguir: “No caso do intelecto e a faculdade de pensar, a resposta ainda não está clara” (Aristóteles, 1991, p. 144, 413b).

Excede o propósito do presente artigo tratar da dimensão “noética” da psique humana, ou seja, do seu *nous* (intelecto), bem como de seus aspectos metafísicos. No entanto, essa dimensão metafísica faz parte do conceito aristotélico da psique humana e, segundo Brentano, não pode ser esquecida pela psicologia.

Para muitos autores pouco informados, a tese desse “substrato substancial” tem um ranço mentalista, antiquado e superado. Isso se deve a que desconhecem a explicação de Brentano de que “a questão de a entidade da consciência ser material ou espiritual não é pré-julgada ao propugnar-se um substrato substancial” (Brentano, 1973, p. 5). Portanto, parece terem esquecido que o problema da impossibilidade lógica de uma “psicologia sem psique” permanece ainda atual.

Para confirmar a atualidade desse tema, basta lembrar como Vygotsky retoma essa questão, ao examinar a psicologia dos anos vinte em seu ensaio *O significado histórico da crise da psicologia*, escrito em 1926, mas só publicado em 1982. Nele, Vygotsky explica que a crise fora provocada pelo surgimento de dois sistemas psicológicos, aparentemente antagônicos: um científico, chamado de naturalista e outro, descritivo, chamado, indevidamente, de filosófico, ambos condicionados respectivamente pelos sistemas filosóficos naturalista e idealista. Como bem assinala Alex Kozulin (1995, p. 16), “a última seção da *Crise* está dedicada a rejeitar qualquer intento de encontrar uma ‘terceira via’ fora da psicologia científica ou filosófica”, propondo que o caminho consiste em integrar os dois paradigmas.

Nessa perspectiva, lembra que Vygotsky, na sua palestra, “A metodologia dos estudos reflexiológicos e psicológicos”, proferida no Segundo Congresso Psiconeurológico, celebrado em Leningrado, no ano 1924, teve como alvo questionar a postura de importantes cientistas soviéticos que consideravam a consciência como “superstição” idealista e cujo estudo ficaria restrito à psicologia descritiva [fenomenológica], considerada por eles como de natureza não científica. Nessa ocasião, Vygotsky defendeu a tese de que as categorias de “consciência” e “inconsciente” não podem ser ignoradas pela psicologia, inclusive pela psicologia condutista, supondo que o estudo da base reflexiológica da conduta humana não pode ignorar as estruturas internas do sujeito que se comporta. Por esse motivo, “os estudos da Escola de Wurburg, assim como os dos gestaltistas, devem ser incorporados à psicologia científica” (Kozulin, 1995, p. 12-15).

Essa tese vygotiskiana foi amplamente exposta em ensaios posteriores: *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925), *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930) e *O Problema da consciência* (1933). Nessa área, Vygotsky reconhece, no âmbito da sua psicologia dialética, o mérito da “nova psicologia subjetiva” da intencionalidade brentaniana por seu caráter investigativo empírico, não dogmático.

De fato, o psicólogo russo destaca o caráter inovador da doutrina brentaniana, ao estudar os atos ou fenômenos psíquicos como processos dinâmicos e ao analisá-los, empiricamente, nessas três dimensões: cognitiva ou representacional, funcional-adaptativa e constitutiva da personalidade. Assinala: “todos esses aspectos, os quais para a velha psicologia eram apenas questão de dogma, revivem e convertem-se na nova psicologia [brentaniana] em objeto de pesquisa” (Vygotsky, 1997, p. 109).

Além dessa sintonia em relação à necessidade de um “substrato substancial” que parece estar implícito, por

exemplo nas categorias de “consciência e inconsciente”, ambos os autores, numa perspectiva diferente, ainda que complementar, compartilham de uma mesma preocupação sobre o que se pode chamar a questão da “determinabilidade” da constituição da psique humana ou ainda da subjetividade humana. Sobre esse particular, o psicólogo russo enfatiza o determinante sociogênico: a atividade (*Tätigkeit*) socialmente significativa. Já o alemão enfatiza o determinante ontogenético: os atos existencialmente significativos, captados pela percepção interior (*inner Wahrnehmung*). Na verdade, ambos os fatores são inseparáveis e somente podem ser entendidos na dinâmica de um processo dialético. É, portanto, nessa dialética da subjetividade social e individual, que parece residir a verdade do enigma do que é o homem e a chave de sua conduta.

Mas, afinal, qual é a definição de psicologia de Brentano, que ele considera moderna, sem estar desvinculada da antiga e de paternidade aristotélica?

A esse respeito, há que assinalar que Brentano identifica-se com alguns aspectos do pensamento de John Stuart Mill, exposto na obra *Sistema lógico* (1843), sendo esse autor o mais citado e comentado criticamente, em *Psicologia de um ponto de vista empírico* (1874). Brentano considera esse pensador inglês o mais representativo expoente do moderno conceito de psicologia como ciência, ao propugnar, numa perspectiva epistemológica cognitiva, que ela deve, de um lado, pesquisar os fenômenos psíquicos, particularmente, o do pensamento, obtendo, “a partir das leis gerais e elementares as mais específicas e complexas leis do pensamento”, de outro lado, ela deve “investigar até onde um estado mental está influenciado por estados físicos observáveis” (Brentano, 1973, p. 13-14).

De fato, esses dois aspectos: o cognitivo ou fenomenológico, de natureza descritiva e experiencial, entendido numa perspectiva que pode ser chamada de existencial adaptativa, e o aspecto psicofísico, de caráter experimental, são os dois eixos que sustentam o conceito moderno de psicologia científica empírica brentaniana e os métodos preconizados para desenvolvê-la, conforme o ângulo de estudo dos fenômenos psíquicos pesquisados.

Nessa perspectiva, Brentano, em sua obra póstuma, *Psicologia descritiva*, defende duas modalidades de psicologia: a fenomenológica e a genética ou psicofísica. É considerando essas duas modalidades que o autor define a psicologia:

A ciência da vida psíquica interior das pessoas (*Seelleben*), ou seja, do significado da existência que é captado pela percepção interior (*innere Wahrnehmung*). Ela tem como objetivo determinar exaustivamente (se possível) os elementos da consciência humana e como se relacionam entre si. Ao mesmo tempo, visa descrever as condições causais a que obedece cada fenômeno particular. Da primeira tarefa incumbe-se a Psicognose [também denominada, psicologia descritiva e psicologia fenomenológica]; da segunda, a psicologia genética [chamada também de psicofísica]. (Brentano, 1995, p. 3)

Sobre o papel e a importância da primeira, a mais desenvolvida e objeto de estudo de sua obra *A psicologia de um ponto de vista empírico*, no capítulo que trata de seu método

experencial, fenomenológico ou descritivo cujo objetivo é explorar, o mais exaustivamente possível, os significados interiores da experiência vivida, escreve: “O que temos dito parece suficiente para mostrar a partir de que áreas o psicólogo consegue as experiências sobre as quais fundamenta sua investigação das leis psicológicas. Temos descoberto que a *inner perception* constitui a fonte primária” (Brentano, 1973, p. 43).

Contudo, a obra escrita de Brentano, de outro lado, resente-se da falta de uma sistematização e explanação da chamada psicologia genética, de caráter predominantemente psicofísico, e, por este motivo, ela é desconhecida por muitos. Essa segunda concepção de Psicologia seria também objeto de estudo em uma obra de síntese que Brentano planejou publicar – sonho que não chegou a ser concretizado. Essa obra, uma psicologia descritiva, significaria uma ruptura com o pensamento tradicional da psicologia, além de, conforme confia ele, documentaria “os aperfeiçoamentos essenciais que introduzo nas minhas próprias opiniões, sustentadas já na minha *A psicologia de um ponto de vista empírico*” (Brentano, 1989, p. 12).

Apesar da falta dessa obra, é possível conhecer, através da edição póstuma da *Psicologia descritiva*, qual é a tese central da sua psicologia genética ou psicofísica. Assim, por exemplo, no primeiro capítulo, que trata da psicognose e da psicologia genética, sustenta este postulado básico: “É evidente que a psicologia genética jamais será capaz de cumprir sua tarefa de forma plena e pertinente sem levar em conta os processos físico-químicos e sem se referir às estruturas anatômicas” (Brentano, 1995, p. 4).

Esse paradigma brentaniano de uma psicologia que reconhece a dimensão somática ou física da psique humana está esboçado, também, em múltiplas passagens de sua *A psicologia de um ponto de vista empírico*, entre elas, a seguinte: “Não só estados físicos podem originar-se de estados físicos, e psíquicos podem partir também de estados psíquicos. Há casos em que os estados físicos provocam efeitos psíquicos e, por sua vez, há estados psíquicos que provocam efeitos físicos” (Brentano, 1973, p. 6). Mas seu pensamento acerca desse ponto crucial fica muito mais contundente na refutação que faz às teses de Maudsley sobre uma psicologia fundada apenas em bases fisiológicas, expostas em sua obra *Physiology and pathology of the mind* (1866), Brentano, axiomático, estabelece a necessidade de uma psicologia cujo método de estudo contemple tanto a peculiaridade da psique humana, como sujeito de sua experiência ou conduta, quanto seu substrato biológico, pressupondo que ambas as dimensões são inseparáveis: “Desaprovamos a asserção de que não é possível estabelecer leis sobre a base da experiência psicológica [a dimensão fenomenológica], mas estamos de acordo com a afirmativa de que a sucessão dos fenômenos psíquicos é possível apenas sobre a base dos fatos fisiológicos [a dimensão genética]” (Brentano, 1973, p. 63).

Com base nessa compreensão, o que Brentano propõe é que, ao estudar, por exemplo, a esquizofrenia, não basta apenas conhecer suas bases genéticas e fisiológicas. O saber científico do transtorno deve incluir também sua dimensão psicológica, ou seja, o saber ou significado de

ser esquizofrênico vivenciado por cada sujeito esquizofrênico. Os frutos da chamada abordagem fenomenológica da psicopatologia, defendida entre outros por Jaspers, Binswanger e Rogers, confirmam de forma irrefutável a tese brentaniana.

Resumindo, é de todo moderna e atual essa concepção de psicologia, que inclui em seu estudo, e de forma complementar, tanto o aspecto cognitivo ou fenomenológico quanto o físico, como determinantes da especificidade da conduta humana, assim como a modalidade de métodos empíricos preconizados para cada uma delas: descritivo-experencial para sua psicognose, chamada também de psicologia descritiva ou fenomenologia descritiva (Brentano, 1995, p. 137), e descritivo-explicativo dos dados – que se supõe sejam obtidos experimentalmente – para sua psicologia genética ou psicofísica.

No entanto, convém assinalar também a limitação da proposta psicológica brentaniana, no sentido de que ela, mesmo estando aberta ao estudo de “todas as condições causais” de cada fenômeno ou ato psíquico, não faz referência aos determinantes histórico-culturais. Na verdade, o espírito da sua época (*Zeitgeist*) não havia despertado para essa preocupação que viria a ser contemplada ulteriormente, com a psicologia sócio-histórica, representada, entre outros, por Vygotsky.

A Especificidade da Conduta Humana à Luz da sua Doutrina da Intencionalidade

A afirmação inquestionável de Perlin (1988, p. 80) de que “a psicologia tem-se tornado cognitiva” remete ao alcance da tese de Brentano na história da psicologia. Sobre esse novo paradigma cognitivo da psicologia, os professores A. Combs e D. Snygg, em sua obra *Individual behavior: a perceptual approach to behavior* (1959), afirmam ser o mais recente entre os dois únicos paradigmas existentes da psicologia atual no estudo do comportamento humano. Conforme esses autores existem apenas dois paradigmas abrangentes, nos quais estariam incluídos todos os outros. O mais antigo, segundo o qual se estuda o comportamento humano a partir do ponto de vista de um observador externo (*from outside observer's point of view*), tenta explicar o comportamento como uma resposta aos estímulos do meio. Entre os resultados obtidos, estaria prever o que seja um indivíduo normal ou médio-padrão, com relação a um determinado comportamento. O mais recente, segundo o qual a conduta humana é estudada na sua dimensão significativo-existencial e proativa e não apenas reativa e passiva. Pesquisa o comportamento do indivíduo a partir de seu próprio ponto de vista (*from his own point of view*). Essa nova abordagem é chamada, na psicologia, de “pessoal”, “cognitiva” (*perceptual*) e resgata o papel do self como agente de sua conduta. Seu postulado básico é que “todo comportamento, sem exceção, está completamente determinado pela esfera fenomênica (*perceptual field*) do organismo que se comporta” (Combs & Snygg, 1959, p. 20). Sobeja assinalar como tal postulado torna cristalina e traduz a tese brentaniana sobre a indissociabilidade entre ação e pensamento, objeto do presente artigo.

Oportunamente, esclarecem os autores que “o objetivo

de seu livro é propugnar um contundente e sólido paradigma cognitivo (*perceptual*) como referência para entender o comportamento humano” (Combs & Snygg, 1959, p. 10). A julgar pelas referências bibliográficas do livro, os autores apóiam esse novo paradigma sobre os postulados da doutrina da intencionalidade, divulgados pelos escritos de E. Husserl. A bem da verdade, no entanto, a verdadeira paternidade da doutrina da intencionalidade, aplicada à psicologia, deve ser creditada a F. Brentano. Husserl reconhece esse fato, quando escreve, após deploar que alguns autores não entendam a originalidade de seu pensamento: “Com todo o grande respeito e gratidão com que lembro o meu genial mestre, e ciente da importância que teve, como descoberta, ter convertido o conceito escolástico da intencionalidade no conceito descritivo fundamental da psicologia, a tal ponto, que mediante o qual e somente mediante o qual, tem sido possível a fenomenologia” (Husserl, 1913/1993, p. 388).

A psicologia descritiva ou fenomenológica brentaniana fundada na doutrina da intencionalidade de inspiração aristotélica – sem ter a mediação escolástica, como indevidamente afirma Husserl – propugna também a especificidade da conduta humana como fonte da subjetivação. A constituição dinâmica do self é outro tema central da *act-psychology brentaniana*. Sua explanação, no entanto, foge ao propósito do presente estudo e será objeto de um escrito ulterior. De fato, Brentano, como inicialmente assinalou-se, fiel à mais pura doutrina aristotélica do ato (*energeia*) e potência (*dynamis*), no seu estudo empírico da conduta humana, considera os atos ou fenômenos psíquicos como sinônimos de consciência ou subjetividade. Ou seja, a psique humana só se constitui através de seus atos. Proposição que pode ser traduzida neste aforismo: “O sujeito tem a medida de seu agir existencial”.

Retomando o tema central, pergunta-se: como Brentano, à luz da doutrina da intencionalidade, explica esse paradigma cognitivo para entender a especificidade do comportamento humano? Para o psicólogo alemão, uma conduta só é verdadeiramente humana quando têm a dimensão de ser cognitiva, no sentido de originar-se a partir de uma apreensão interna e pessoal do significado existencial de tal conduta, e de ser ela executada conforme o ditame ou intencionalidade dessa cognição. Isso implica duas modalidades de atos ou fenômenos psíquicos inseparáveis:

1. Um ato de desvelar o significado pessoal, tornar fenômeno, o mundo da experiência através de uma *Vorstellung*, traduzida como representação, idéia, pensamento, equivalente ao termo *perception*, ou ato mental de formar uma idéia, sentido ou significado. A esse objeto ou realidade internamente concebida, chama *objeto intencional*. Nesse postulado reside o aspecto cognitivo da sua psicologia, conforme explica: “Apenas necessitamos, mais uma vez, repetir que aquilo que entendemos por representação – *Vorstellung* – não é o representado [a imagem da coisa como tal], mas o ato de representá-lo [o ato de dar significado ou formar idéia]” (Brentano, 1973, p. 80).

2. Um ato de relacionar-se (*reference*) – no sentido de direcionar-se, compromissar-se ou adaptar-se – com a realidade experienciada a partir do saber ou significado formado sobre ela e não a partir de seu poder estimulador externo. São os chamados atos de referência intencional, sejam eles condutas de simples conhecer, julgar ou desejar ou rejeitar. Neste postulado reside o aspecto pragmático-existencial de sua psicologia, conforme ele próprio afirma: “Este ato de representar constitui o fundamento não só do julgar mas também do apetecer ou de qualquer outro ato psíquico” (Brentano, 1973, p. 80).

Finalizando, a indissociabilidade entre pensamento e ação como um dos princípios da *act-psychology*, propugnada por Brentano, por si só, parece constituir uma nova “revolução copernicana” no campo da psicologia. A psicanálise, a psicologia da Gestalt e a psicologia cognitiva-fenomenológica estão aí para atestá-lo. Falta apenas resgatar seu mérito e paternidade.

Referências

- Aristóteles. (1991). *Tratados ético-morales*. Madrid, España: Aguilar.
- Beauvois, J. L. (Ed.). (1997). *L'ère de la cognition*. Paris: Presses Universitaires de Grenoble.
- Brentano, F. (1973). *Psychology from an empirical standpoint*. London: Routledge & Regan Paul.
- Brentano, F. (1989). *El origen del conocimiento moral*. Madrid, España: Real Sociedad Económica Matritense de Amigos del País.
- Brentano, F. (1995). *Descriptive psychology*. London: Routledge.
- Combs, A., & Snygg, D. (1959). *Individual behavior: A perceptual approach to behavior*. New York: Harper & Row.
- García-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Husserl, E. (1991). *La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental*. Barcelona, España: Crítica.
- Husserl, E. (1993). *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. Madrid, España: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1913).
- Kozulin, A. (1995). Vygotsky en contexto. In L. Vygotsky, *Pensamiento y lenguaje* (pp. 9-49). Barcelona, España: Paidós.
- Müller, B. (1995). Introduction. In F. Brentano, *Descriptive psychology* (pp. xi-xxvi). London: Routledge.
- Pervin, L. A. (1988). Personalidad: Controversias, problemas e tendencias actuales. *Psiquiatría y Psicología Humanista*, 19-20, 73-99.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2001). *História da Psicologia* (A. U. Sobral & M. E. Gonçalves, Trad.). São Paulo, SP: Cultrix. (Original publicado em 1969).
- Vygotsky, L. (1997). La psique, la consciencia y el inconsciente. In L. Vygotsky, *Obras escogidas*. Madrid, España: Visor.
- Wertheimer, M. (1978). *Pequena história da psicologia* (L. de Oliveira, Trad.). São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1970).
- Wolheim, R. (1978). *As idéias de Freud* (A. Cabral, Trad.). São Paulo, SP: Cultrix. (Original publicado em 1971).